

**SER
MÃE**

É F*DO

**MULHERES,
(NÃO) MATERNIDADE
E MÍDIAS SOCIAIS**

ANA LUIZA DE FIGUEIREDO SOUZA

editora

**ZO
UK**

Conselho Editorial

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP

Daniela Mussi – UFRJ

Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM

Joanna Burigo – Emancipa mulher

Leonardo Antunes – UFRGS

Lucia Tennina – UBA

Luis Augusto Campos – UERJ

Luis Felipe Miguel – UnB

Maria Amélia Bulhões – UFRGS

Regina Dalcastagnè – UnB

Regina Zilberman – UFRGS

Renato Ortiz – Unicamp

Ricardo Timm de Souza – PUCRS

Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS

Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK

Susana Rangel – UFRGS

Winnie Bueno – Winnieteca

SER MÃE É F*#@

MULHERES,
(NÃO) MATERNIDADE
E MÍDIAS SOCIAIS

ANA LUIZA DE FIGUEIREDO SOUZA

1ª edição • 2022 • Porto Alegre

editora
ZO
UK

2022 © Ana Luiza de Figueiredo Souza

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Tatiana Tanaka

Capa: Maria Williane

direitos desta edição reservados à
Editora Zouk
Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203
90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil
f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

Sumário

Prefácio	9
Começo de conversa	13
Glossário da maternidade on-line	19
Maternidade em foco, em pauta, em circulação	31
Capítulo 1: A construção histórica da mãe ideal	45
O mito materno	45
A mãe higiênica	59
Maternidade científica	73
Capítulo 2: Tensionamentos maternos na contemporaneidade	83
Heranças históricas	83
Problematizações teóricas	101
Rupturas, continuidades e novas dinâmicas	116
Capítulo 3: Cultura digital e narrativas pessoais sobre a maternidade	139
Narrativas pessoais on-line e vozes dissonantes nas mídias sociais	140
Modulações informacionais, tecnológicas e particulares	145
Textão-desabafo: categoria discursiva no debate materno	150
Fluxo de associações derivativas	152
Amostra da pesquisa	154
A ADMC como ferramenta de análise	156
Adaptações necessárias ao formato livro	161
Capítulo 4: Tensões maternas na cultura digital	163
Contranarrativas a modelos maternos e femininos hegemônicos	164
Tabus maternos e femininos	180

Valores maternalistas	196
Não maternidade, ideologia <i>childfree</i> e relação com crianças	204
Entre desejos e deveres	222
Capítulo 5: Apontamentos finais, ou Fim de prosa	239
Referências bibliográficas	265
Sobre a autora	283

A todas as mulheres que, direta ou indiretamente,
contribuíram para essa escrita.
Antes de tudo, a Carmem Lúcia – mente brilhante,
caráter indobrável –,
a quem tenho a sorte de chamar de mãe.

Prefácio

Rio de Janeiro, 29 de junho de 2021

Escrevo o prefácio deste livro grávida de 36 semanas – o que, no calendário gregoriano, equivale a oito meses – do meu primeiro filho. Quando Ana Luiza iniciou sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF) sob minha orientação, lá em 2017, eu não tinha a menor intenção de me tornar mãe. Estava (ainda estou?) completamente focada na carreira, dedicada às atividades de ensino e pesquisa, além das administrativas, que juntas me geravam (por vezes ainda geram...) jornadas de 12h de trabalho por dia, fins de semana e feriados tomados por atividades profissionais e férias que constavam oficialmente no sistema, mas na prática nunca eram gozadas em sua totalidade (nem perto disso). Um cenário, diga-se de passagem, nada incomum a tantos docentes e pesquisadores do ensino superior no Brasil e fora dele.

O ponto é que nem via como conceber a ideia de ter um filho naquela época; não cabia. E a pesquisa de Ana Luiza, que desde o início tanto me instigou, trouxe ainda novas camadas de complexidade e questionamentos sobre a vontade de ser ou não mãe. E eis que aqui estou agora, alguns anos depois, à espera do meu primeiro filho, tão desejado, planejado, aguardado e amado. É como falam ironicamente sobre as voltas que a Terra plana dá. Curiosamente – como ela mesma apontou outro dia e eu nem sequer tinha me dado conta –, quando a orientei no mestrado, em sua original pesquisa voltada para narrativas sobre a maternidade na cultura digital, eu sequer vislumbrava a possibilidade de ser mãe; e agora que estou prestes a me tornar uma, tendo escolhido consciente e profundamente esse caminho, tenho o enorme prazer de seguir sendo sua orientadora no doutorado, voltado, nessa nova etapa da sua trajetória acadêmica, para quem fui antes: as não mães (que podemos chamar também de “*childfree*” ou “*childless*”, pessoas que não possuem filhos), com suas demandas e questões tão pouco tratadas na “academia” e fora dela.

Acredito que a dissertação de Ana, transformada neste belíssimo e relevante livro, tenha sido, entre os trabalhos que orientei, o que mais diretamente entrelaçou discussões teóricas e pessoais que atravessa(ra)m minha vida. Ela nos provoca, nos convoca à autorreflexão, a partir tanto de um denso levantamento bibliográfico quanto de uma análise empírica primorosa. Ouso dizer que seu tema de pesquisa em alguma medida afeta a todas/os/es nós, seres humanos, uma vez que todas/os/es somos filhas/os/es de alguém. Ainda que – como Ana tão bem nos explica através de um importante olhar crítico –, por razões socioculturais, as mulheres sejam as mais diretamente envolvidas no debate.

E como se não bastasse uma temática de tanta relevância e abrangência, abordada com base em argumentos construídos de forma sólida tanto teórica quanto empiricamente, e com contribuições que realmente enriquecem e são poucas nos estudos da Comunicação – em suas múltiplas possibilidades de interlocução com outros campos do conhecimento –, ainda lemos um texto deliciosamente bem escrito, além de didático, coeso, coerente, que traz leveza e densidade ao mesmo tempo. Aprendi e sigo aprendendo muito com Ana e nosso grupo de pesquisa, o MiDlCom (Mídias Digitais, Identidade e Comunicação), não seria o mesmo sem suas contribuições.

Sei que corro o risco de soar como alguém que está “lambendo a cria” – não perderia a oportunidade de usar uma metáfora que alude ao universo parental – ao tecer tantos elogios ao trabalho da Ana, mas fico tranquila em ressoar o que outras/os/es docentes, discentes, leitoras/es, interlocutoras/es da pesquisa apontaram em seus comentários e avaliações ao longo desses anos. Não é à toa que sua dissertação tenha ganhado o Prêmio Compós de Teses e Dissertações; que tenha sido finalista no Prêmio de Dissertação da UFF; que tenha dado origem a este livro; que artigos derivados de sua pesquisa estejam sendo publicados no Brasil e no exterior; e que Ana tenha sido uma das primeiras colocadas no processo seletivo do doutorado quando nele ingressou, logo após concluir o mestrado.

As/Os/Es leitoras/es irão encontrar nesta obra uma vigorosa, original e atual pesquisa sobre múltiplas narrativas que circundam – e constroem – noções de maternidade, ou melhor, vivências maternas, na esfera digital. Ana traz perspectivas que atentam não apenas para plataformas de mídias sociais distintas, como também para discursos de mulheres que ocupam posições de fala diferentes: mães que amam e aquelas que odeiam ser mães;

as que enaltecem a maternidade e as que buscam “desromantizá-la”; não mães por opção e por falta dela; dentre outras. Ao fazê-lo, apresenta uma diversidade de narrativas e pontos de vista que imbricam posicionamentos pessoais e coletivos, ora em contraposição ora em convergência, fazendo-nos refletir não apenas sobre experiências individuais e a centralidade das narrativas de si na cultura digital, mas também sobre questões que envolvem políticas públicas e mesmo leis que afetam diretamente os corpos femininos.

Sejam quais forem seu gênero, posicionamento sobre experiências ligadas à maternidade – ou falta de um, caso ache o tema muito complexo ou nunca tenha refletido sobre ele –, grau de afinidade (ou não) com mídias sociais e interesse (ou não) pelas Ciências Sociais e Humanas, acredito que encontrará neste livro reflexões estimulantes sobre o complexo universo das experiências maternas. Desejo uma ótima leitura e que estes tempos pandêmicos não nos privem de diálogos frutíferos.

Com carinho,

Beatriz Polivanov
Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do
Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal
Fluminense (UFF).

Começo de conversa

Talvez o início dos meus questionamentos em relação à maternidade tenha surgido quando minha avó – voz gentil, gestos miúdos –, sentada à mesa da cozinha, diante das netas, mudou de tom encarando alguma coisa que só ela enxergava. “Eu tive filhos maravilhosos, que me deram netos ótimos, não posso reclamar da sorte que tive com eles. Mas se eu pudesse... ah, eu faria tudo diferente.” E aproximou os indicadores num movimento circular em direção a si mesma, como se rebobinasse a fita da própria vida.

Isso deve ter sido pelos meus quatorze, quinze anos. Entre as amigas e colegas de escola, a conversa era outra. Teríamos filhos. As perguntas eram quantos, menino ou menina, quem seria madrinha do filho de quem. Nunca nos passou pela cabeça que uma de nós não seria mãe. Aquilo sequer aparecia como opção. Estava mais para castigo, ofensa, vira essa boca pra lá. Não imaginávamos que a maternidade pudesse ser recusada, quem dirá lamentada. No entanto, lá estava minha avó oferecendo outra face materna enquanto a primogênita terminava de enxugar a louça.

E eu aos poucos fui parando de desenhar minha projeção futura cercada por quatro crianças. Larguei os programas sobre partos, reli a participação da maternidade nos destaques da estante, imaginei, pela primeira vez, como seria a vida sem alguém que me chamasse “Mamãe, mamãe”. Até que um dia soltei a declaração que por muitos anos ecoou (às vezes ainda ecoa) desacato a familiares: “Eu não, não vou ter filho”. E minha avó, a mesma que queria voltar no tempo e desfazer gestações, pôs o dedo em riste, olhar de professora: “Você tem que ser mãe pra saber pelo que sua mãe passou”.

Quanto ressentimento cabe no amor materno?

Ou seria esse o escape do mais profundo desejo de que eu compreendesse algo (sobre ela, sobre as mães) que, para minha avó – em tantos aspectos à frente do seu tempo –, talvez para as mães em geral, só poderia ser plenamente compreendido a partir de um olhar, naquela época, ainda ausente em mim?

Não me lembro de ter visto ou ouvido uma mulher ser questionada sobre o motivo pelo qual queria filhos. A mera afirmação de que os teria (ou desejava) já era suficiente para cessar perguntas. O oposto acontece quando

se expõe o desejo de não maternidade. “Você diz isso porque ainda é nova, logo muda de ideia”. “Por quê? Não gosta de criança?”. “Acho que essa é uma opinião muito radical pra mostrar assim, na frente de todo mundo.” “Daqui a uns anos muda de ideia”. “E a consideração com seus pais? Depois de tudo que fizeram por você, não vai dar nem um netinho pra eles?”. “Na sua idade eu já estava casada e com o primeiro filho no colo”. “Para de falar isso, garota, que coisa feia”. “Sabia que não amamentar aumenta os riscos de câncer de mama?”. “Vai ficar velha e seca”.

Diante da ineficiência das explicações, passei a elencar as que geravam maiores silêncios, alterando a ordem conforme quem perguntava. Foi só enquanto escrevia a dissertação precursora deste livro que perguntei diretamente: “Mãe, e você? Por que quis ter filhos?”. A mulher mais inteligente e equilibrada que conheço ergueu os ombros: “Ah, era uma experiência. Todo mundo tinha. E eu queria passar por essa experiência também”. Não me conformei: “Mas foi algo que você sempre quis, chegou a mudar de ideia, que dúvidas...”. “Filha, não sei, a gente não pensava muito nisso. Eu tive e ponto”.

Para mim, aquilo eram reticências. Sinais que passei a reconhecer nas narrativas que investigava, ao mesmo tempo que minha mãe se abria sobre as dificuldades (e êxitos), as frustrações (e recompensas), o tanto que ela havia guardado. Juntas pudemos discutir a maternidade nos planos macro e micro. E perceber quão tênue é a fronteira que os separa passou a me interessar cada vez mais.

Textões-desabafo, comentários em postagens, vídeos, fotos, correntes. As mídias sociais estavam repletas de conteúdo produzido por mulheres sobre temáticas maternas, principalmente na forma de narrativas pessoais. Para minha surpresa, essa demanda por discutir a maternidade de maneira mais aprofundada não se refletia nos trabalhos acadêmicos da área de Comunicação. Muito menos a relação entre maternidade, narrativas pessoais on-line (especialmente de mulheres) e mídias sociais. Diante dessa lacuna – e por acreditar que um fenômeno tão presente no cotidiano de boa parte da população feminina merecia espaço no debate acadêmico – comecei a estruturar a pesquisa em torno da tríade (não) maternidade, mídias sociais, narrativas pessoais.

Vieram os relatos da tia, da amiga, da senhorinha no ônibus, da mãe recém-nascida chamando por mensagem privada. As expectativas e os receios da irmã, da colega de trabalho, da professora, da ouvinte que me entregava um bilhete ao final da apresentação em algum congresso. Uma rede

de depoimentos que me ajudou a avaliar se o que eu observava nas seções de comentários também se refletia ao meu redor. Foram três anos (atualmente, sete e meio) acompanhando discussões sobre a maternidade em mídias sociais, convertidas em capturas de tela. Dois anos desenvolvendo a pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, por meio da qual tive contato com pesquisadores (docentes e discentes), publicações e eventos que contribuíram tanto para o refinamento do trabalho quanto para perceber as afetações em torno dos dilemas envolvidos na maternidade.

A entrega da dissertação impressa na biblioteca da UFF, após a incorporação dos apontamentos da banca, reforçou as impressões sobre o quanto a temática “ser ou não ser mãe” era capaz de afetar mulheres (e até homens) que nela esbarravam. “Bem interessante”, apontou a secretária, dedos em batidinhas na capa. “Quero ler.” E contou que “nem eu nem minha irmã queremos ser mães e o povo fica todo doido”. No “doido” abriu os dedos acima do cabelo, imitação dos fios em pé. A versão finalíssima foi disponibilizada para o público no site do PPGCOM UFF.

Nos meses seguintes, me dediquei a explorar as problemáticas trabalhadas na dissertação em produções acadêmicas. Publiquei seus principais resultados em revistas do Brasil, Argentina, Chile, México, Portugal e Reino Unido. Também os apresentei em congressos nacionais e internacionais.

Escrevi o capítulo “Maternidad en cuento: reflejos literarios de dinámicas maternas del Brasil contemporáneo” na antologia espanhola *La maternidad en la ficción contemporánea* (Universitat de Lleida/Peter Lang Publishing) para discutir quais configurações contemporâneas permitem que determinados retratos maternos se concretizem em produções literárias brasileiras e sejam aceitos tanto por leitores quanto por críticos. O trabalho ganhou uma adaptação na revista *Cadernos da Escola de Comunicação*, sob o título “Contos da maternidade: as novas dinâmicas maternas na literatura brasileira contemporânea”. Dessas publicações surgiu o projeto *Maternidade na Literatura e no Cenário Editorial Brasileiro Contemporâneo*, no qual mapeio como as temáticas maternas têm aparecido na literatura nacional e no cenário editorial brasileiro nas últimas décadas.

Também redigi os capítulos “Desconstruindo a maternidade’: narrativas pessoais, intimidade e confiança em mídias sociais” (na coletânea *Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data*, Intercom/IBPAD) e “Textão-desabafo no Facebook: categoria discursiva

para debates sobre a maternidade” (na coletânea Maternidade nas mídias, FACOS/UFMS), ambos em coautoria com minha orientadora de mestrado e doutorado, a querid(íssim)a Beatriz Polivanov.

O mais recente capítulo publicado, “Uso das mídias sociais para complexificar o debate sobre temáticas maternas em tempos pandêmicos”, integra a coletânea Comunicação e ciência na era covid-19 (Intercom). Nele, explico como transformei meu site profissional e minhas contas em mídias sociais em plataformas tanto para compartilhar dados e reflexões de pesquisa quanto para ter maior contato com aquilo que as mulheres que interagem com o projeto vivenciam ou se interessam em discutir. Assim, procuro criar diálogo entre produção/divulgação científica e interesse público.

Em paralelo, voltava à dissertação para acrescentar notas sobre reflexões posteriores, complementar panoramas e aprofundar apontamentos. Foi em março daquele ano que recebi a notícia de que ela havia sido indicada para representar o PPGCOM UFF como concorrente no Prêmio Compós de Teses e Dissertações Eduardo Peñuela. A Compós é a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Há mais de dez anos, elege a melhor dissertação e a melhor tese em Comunicação produzidas no Brasil, referentes ao ano anterior. Isso torna o Prêmio Compós o maior e mais importante prêmio brasileiro para trabalhos acadêmicos na área de Comunicação.

Cada programa pode enviar apenas um trabalho para a disputa, e o eleito precisa atender a exigentes critérios de qualidade. Assim, ser indicado ou indicada como representante de um programa de nota alta já é uma vitória. No caso do PPGCOM UFF, são muitos trabalhos de peso produzidos dentro dele, o que torna a escolha do representante bem difícil.¹ Na edição em que concorri, foram 29 dissertações indicadas por programas de todo o Brasil. Após análise da primeira banca avaliadora, cinco finalistas passaram à segunda fase de avaliação, feita por uma nova banca. No dia 22 de junho do mesmo ano, saiu o resultado oficial: vencedora na categoria melhor dissertação de mestrado. Em dezembro, a pesquisa também foi finalista nos Prêmios de Excelência UFF, Colégio de Humanidades.

A partir do movimento de reavaliação constante do trabalho – aliado a seu alargamento por meio das minhas produções e a iniciativas no cenário político relacionadas tanto aos direitos reprodutivos das mulheres quanto a

¹ Falo melhor sobre esse processo no artigo sobre o Prêmio Compós, no portal de conteúdo Nota de rodapé, em meu site.

seu tratamento na esfera pública –, concluí que a pesquisa de mestrado ainda tinha contribuições a oferecer. Contribuições que poderiam interessar não apenas o âmbito acadêmico,² mas também pessoas que quisessem conhecer os processos de concepção de modelos maternos e de maternagem hegemônicos ao longo da história do Brasil, em diálogo com manifestações (políticas, econômicas, socioculturais, tecnológicas, teóricas) na conjuntura internacional. Leitoras e leitores curiosos acerca de atuais problemáticas relacionadas à maternidade, bem como à não maternidade, e de que formas se manifestam nas narrativas e atitudes de mulheres conectadas em rede. Uma vez que a dissertação se encontra no repositório da UFF, optei por reconfigurar o material original, expandindo suas discussões.

Acredito que uma das formas de se fazer pesquisa científica é olhar para o cotidiano social – o que ele revela, o que acontece nele – e levar essas dinâmicas para a pesquisa acadêmica. Como cientista, você pode discutir tais dinâmicas com maior profundidade, problematizar mais aspectos, criar, inclusive, novas questões que não estão sendo discutidas, por exemplo, nas mídias sociais – ou que pelo menos não costumavam ser discutidas; já como pesquisadora inserida nessas mídias e que vive entre pessoas que as utilizam, pude colocar algumas questões derivadas da pesquisa por ali. Após aprofundar a discussão, depois de já ter problematizado algumas temáticas, você devolve algo para esse mesmo cotidiano social com que interage e ao qual também pertence. Um modo de dizer: “Olha, pessoal, estou pesquisando isso aqui, cheguei a essas conclusões, o que vocês acham?”. Mesmo no que tange aos ativismos, precisamos de estudos empíricos para embasá-los. É uma retroalimentação. Cotidiano social e pesquisa caminham juntos. Uma esfera ajuda a tornar a outra mais rica, mais potente. E eu queria fazer essa ponte com um fenômeno que é tão importante para nós, mulheres em geral, mas que na academia passava sem muito destaque. Fico feliz de ter ajudado – e continuar ajudando – a ampliar a visibilidade de diferentes temáticas maternas.

No fundo, estas páginas propõem uma grande conversa.

2 Uma curiosidade é que a expressão em latim *Alma Mater* (“mãe que alimenta” ou “a mãe que nutre”) é contemporaneamente utilizada para designar instituições de ensino, principalmente as universidades.

Glossário da maternidade on-line

Aborteira: modo pejorativo de se referir a mulheres *childfree*, sem filho/a(s), que realizaram um aborto e/ou que defendem o direito ao aborto legal.

Abortinho: modo jocoso de se referir a gestação indesejada ou que se desejaria interromper caso acontecesse.

Acertar a pega: jeito correto de o bebê abocanhar o seio durante a amamentação, fazendo “boca de peixinho”.

Adole: adolescente; termo frequentemente usado por mães com filho/a(s) adolescente(s).

Alimentação responsiva: modelo de introdução da alimentação complementar que envolve interação íntima entre quem come (o bebê) e quem alimenta (a família e/ou responsável), respeitando o ritmo e as reações de ambas as partes; especialistas costumam recomendá-la como alternativa ao BLW.

Amamentação por livre demanda: amamentar sempre que o/a bebê/criança quiser.

Árvore seca/sem frutos: termo pejorativo para se referir a mulheres que não tiveram filho/a(s); algumas mulheres sem filho/a(s) o utilizam para se referir a si mesmas ou a demais sem-filho/a(s), como piada.

Baby blues: melancolia que recai sobre a mulher nos primeiros dias após ter dado à luz, deixando-a mais sensível e emotiva; considerada normal pela Psicologia e a Psiquiatria.

Barriga de aluguel (b.a.): mulher que é paga para gestar o/a(s) filho/a(s) alheio/a(s); prática proibida no Brasil, apesar de ainda realizada; alguns arranjos são, inclusive, acordados em grupos nas mídias sociais.

Barriga solidária: mulher que, sem fins lucrativos ou comerciais, gesta o/a(s) filho/a(s) alheio/a(s) por meio de técnica de reprodução assistida; o Conselho Federal de Medicina a denomina “cessão temporária de útero”.

Bebê arco-íris: bebê nascido de mãe que sofreu anteriormente um aborto espontâneo ou que perdeu (mais de) um/a filho/a; não costuma ser usado para se referir a bebês adotados por mães nessas mesmas circunstâncias.

Bebê de proveta: bebê gerado por meio da técnica de fertilização in vitro.

Bebê *High Need*: bebê cuja personalidade envolve alta necessidade de atenção e de cuidado parentais.

Beta: abreviação do Exame Beta hCG, amplamente utilizado como teste de gravidez.

Bio: abreviação de mãe biológica; mais usada por mulheres que se oferecem para gestar criança(s) com seus genes a fim de, posteriormente, vendê-la(s) ou doá-la(s) para casais ou mãe(s)/pai(s) solo interessado/a(s); grupos em mídias sociais propiciam alguns desses arranjos.

BLW (*Baby Led Weaning*): modalidade de introdução da alimentação complementar traduzida como “desmame guiado pelo bebê”; nela, o bebê escolhe o que e quanto deseja comer em cada refeição, processo que pode demorar; especialistas alertam para a falta de dados científicos acerca dos supostos benefícios dessa modalidade e, em vez dela, sugerem a alimentação responsiva.

Boadrasta: termo para se referir à madrasta que tem boa relação com o/a(s) enteado/a(s).

***Burnout* parental:** exaustão causada pelo estresse de criar o/a(s) filho/a(s).

Cama compartilhada: pai(s)/mãe(s) e bebê/criança dividem a mesma cama para dormir.

Catarrentina: junção do termo “catarrenta” com Valentina, um dos nomes femininos mais populares no Brasil em anos recentes; usado para designar meninas; pode ser considerado pejorativo ou jocoso, a depender do contexto de uso.

Catarrento: criança; pode ser considerado um termo carinhoso (especialmente quando empregado no diminutivo, “catarrentinho”) ou pejorativo, a depender do contexto de uso.

Maternidade em foco, em pauta, em circulação

Ser mãe é a experiência mais forte, transformadora e engrandecedora que uma mulher pode experimentar, mas ser mãe também dói, nos faz sofrer, corta a nossa carne e o nosso coração.

Querer ter filhos e não conseguir é praticamente um tabu em nossa sociedade. Na sociedade do sucesso e das metas atingidas, quase ninguém admite que “fracassou”, porque passou a ser um fracasso não conseguir ser mãe, ainda mais no mundo de tratamentos de fertilidade...

O amor de uma mãe é capaz de todos os tipos de sacrifícios. É se dedicar de corpo e alma, doando-se desde o nascimento até o fim de suas vidas! É amar sem reservas e dar a vida pelos filhos. Amo ser mãe!!!

Não quero ser mãe e quase ninguém respeita essa decisão, e me tratam como se eu fosse um monstro! Que preguiça!

Os depoimentos acima transcritos foram feitos por mulheres em diferentes suportes midiáticos: em uma publicação de um blog materno, em uma postagem de um blog para mulheres sem filhos, em um perfil pessoal no Facebook e na seção de comentários de uma matéria jornalística sobre maternidade publicada em uma fanpage no mesmo site. Mídias sociais têm constituído as principais plataformas em que mulheres atualmente abordam questões relativas à maternidade na cultura digital.

São 150 milhões de usuários com perfis ativos em mídias sociais no Brasil, um dos maiores percentuais do mundo. Desses, 130 milhões são usuários ativos do Facebook, contra 69 milhões de usuários ativos do Instagram.¹ Ainda assim, este último vem sendo cada vez mais acionado nos debates maternos, inclusive no que se relaciona à não maternidade.

¹ De acordo com relatórios da empresa multinacional de TI Acodez e do projeto We Are Social, em parceria com o sistema de gestão de marcas Hootsuite. Disponível em: <https://bit.ly/3rCpasZ>. Acesso em: mar. 2022.

No entanto, existem dinâmicas que são exclusiva ou quase exclusivamente realizadas em grupos no Facebook, por exemplo, combinação de troca de material biológico em grupos de inseminação caseira; debate de políticas públicas para mães em grupos de ativistas, representantes eleitas e/ou candidatas à eleição; conversas mais íntimas sobre a não maternidade em grupos de mulheres sem filhos; entre outras.

Discussões em torno da maternidade articulam diversos tópicos, desde os obstáculos enfrentados pelas mães até o ostracismo de mulheres que não desejam ou não puderam ter filhos, além de denúncias que variam de falhas governamentais a mães abusivas. Dentre as mulheres que protagonizam tais debates, encontram-se aquelas que são mães (mais, menos ou in) satisfeitas de filhos (planejados ou não), mães (e não mães) arrependidas e não mães (voluntárias ou involuntárias).² Mulheres estas que, em geral, pertencem às camadas médias da população, desde as menos socioeconomicamente favorecidas até aquelas com maiores condições socioeconômicas. Nas extremidades desse grupo tão amplo e diverso, encontram-se mulheres ricas (entre elas, figuras públicas, representantes políticas e celebridades) e aquelas pertencentes a extratos sociais periféricos ou com configurações financeiras particulares, como mulheres indígenas que vivem em aldeias, quilombolas, ciganas (romani) itinerantes e camponesas. Segundo a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à Internet, com aumento expressivo na área rural.³ Portanto, é possível deduzir que boa parte dessas mulheres tenha acesso regular à Internet, ainda que a qualidade da conexão divirja.

2 Cabe apontar que, conforme desenvolvo com maior profundidade na pesquisa de doutorado, há mulheres sem filhos que não se sentem confortáveis com os termos “não maternidade” ou “não mãe”, embora sejam bem disseminados e aceitos entre as sem-filhos nas discussões on-line, integrando inclusive o nome de comunidades e perfis. Os termos também dialogam com a bibliografia estrangeira – especialmente a anglófona, mais antiga e extensa – voltada para essa vivência (*non-motherhood*, *non-mother*, *not mother*, *no maternity*, *no madre*).

3 Disponível em: <https://bit.ly/3rCpasZ>. Acesso em: mar. 2022.